

Carioca volta às ruas e diz não à corrupção

■ Mais de 20 mil pessoas percorreram os oito quilômetros da orla, vestidas de branco, na primeira passeata pela ética na política

O carioca voltou às ruas para dizer não. Menos de um mês depois de instalada a CPI do Orçamento, mais de 20 mil pessoas percorreram os oito quilômetros de orla marítima que ligam o Leme ao Leblon para dizer não à corrupção e pela ética na política. Sem as caras pintadas e vestidos de branco, os manifestantes andaram por mais de quatro horas, apesar do calor de 35°. O começo tímido foi superado pelo encerramento emocionado — um caminhão-pipa lavou uma bandeira brasileira de plástico e a alma de todos os presentes, que se deram as mãos e cantaram o Hino Nacional com os braços levantados.

A passeata foi crescendo à medida que os quase mil manifestantes que deram a largada no Leme avançavam. Em uma hora já eram cinco mil e, na virada de Copacabana para Ipanema, já passavam de 10 mil os manifestantes, que chegaram a 20 mil no fim do percurso no Leblon. A maioria esmagadora de parlamentares do Rio somou-se o senador paulista pelo PT, Eduardo Suplicy, que revelou estar na cidade no rastro de um “novo Eriberto” para a CPI do Orçamento. As janelas dos apartamentos foram ganhando lençóis brancos e bandeiras brasileiras a cada quarteirão que a passeata avançava.

TV — A manifestação — a primeira no país desde a instalação da CPI do Orçamento — despertou o interesse de quatro emissoras de TV estrangeiras: CNN, americana; BBC, inglesa; ZDF, alemã, e a ECO, mexicana. “Os ingleses têm o maior interesse em acompanhar as grandes manifestações ocorridas no Brasil”, disse o correspondente Martin Dowle. Mas os artistas de TV desta vez não apareceram. Em seu lugar, o grupo do *Teatro do Oprimido*, do vereador Augusto Boal, varria um mapa do Brasil.

A passeata foi suprapartidária e organizada com a colaboração dos sindicatos, associações de morado-

res e grupos como o Movimento em Defesa da Economia Nacional (Modecon), presidido por Barbosa Lima Sobrinho. No meio dos políticos presentes, o vereador Alfredo Sirkis e atual secretário extraordinário de Meio Ambiente da Prefeitura carioca destoava, falando sem parar em um telefone celular. “Estou convocando algumas pessoas”, explicou.

Carelli — Além das faixas contra a corrupção, outras pediam o fim da revisão constitucional, chamavam a atenção para a CPI da privatização e perguntava ao governador Leonel Brizola “Onde está Carelli”, o funcionário da Fundação Oswaldo Cruz desaparecido numa favela depois de uma operação da Polícia.

Os sete anões do orçamento desta vez eram seis e vieram em cima de uma Kombi, de blusa preta e mascarados. O sétimo era a Branca de Neve, de peruca rosa brilhante, saia verde e blusa azul com uma estrela verde e amarela no peito. Na verdade, os sete anões são artistas circenses contratados pelo Sindicato dos Bancários.

Ainda de sunga, no início de Copacabana, o carnavalesco Clóvis Bornay colou um adesivo no peito e disse que “fazer passeata só não adianta, porque os políticos também fazem muita, principalmente em época de eleição”.

A manifestação serviu de *escolinha cívica* para muita criança. Muitas levaram os animais de estimação e as pistas das Avenidas Atlântica, Vieira Souto e Delfim Moreira ficaram lotadas de cachorros — curiosamente, muitos *poodles* de cor branca, com o pelo coberto de adesivos.

“Se os deputados não gostam da gente, então também não gostam de cachorros; por isso, trouxe o meu”, disse Maurício Pereira da Silva, 12 anos, puxando pela coleira seu *Astor*, um *beagle* de um ano e oito meses.



Sérgio Morrel

No final do Leblon, a Bandeira foi lavada e os manifestantes cantaram o Hino Nacional